

PARTE III: ATUALIZANDO MERTON

O Legado Mertoniano para O Mundo de Hoje

Na Parte III buscaremos responder às seguintes perguntas: Se Merton estivesse vivo, que desafios ele nos proporia ao seguimento de Jesus hoje? Qual é o legado mertoniano e como se encarna concretamente na América do Norte e do Sul? Ambas as perguntas estão interconectadas pelo fato de ser Merton um dos precursores de várias formas de espiritualidade libertadoras vividas hoje. Assim, Merton e o jesuíta Daniel Berrigan lançaram as sementes do que seria o movimento católico em favor da paz, vale dizer: a **espiritualidade da paz**.

Merton e o Dalai Lama, seu grande amigo, lançaram as sementes de uma nova abertura espiritual e política entre o Ocidente e o Oriente, inaugurando a **espiritualidade macroecumênica** (concretizada no “Encontro de Gethsemani” em 1996 e reatualizado periodicamente). Com sua amiga e confidente Rosemary Ruther, Merton foi um dos precursores da **espiritualidade feminista**. Destarte, para a América do Norte, elencamos como principais desafios hoje, à luz do legado mertoniano: a busca da espiritualidade da paz, da espiritualidade macroecumênica e da espiritualidade feminista. É o que vamos desdobrar a seguir.

Para a América Central e do Sul, Merton e Ernesto Cardenal⁶⁸⁸, lançaram as sementes do que seria a futura teologia e espiritualidade da Libertação. Trataremos da origem, desenvolvimento e crise da TL. Enfocaremos concretamente a espiritualidade que embasa a TL, e que bem pode ser chamada de espiritualidade da justiça, dinamizando as Comunidades Eclesiais de Base no contexto da América Latina (Central e do Sul). É o que vamos desdobrar no capítulo 8, onde trataremos especificamente da espiritualidade da libertação, nas formas que assume atualmente, isto é, enquanto espiritualidade de resistência, de solidariedade e da criação. Sem esquecer que há também uma teologia da libertação na América do Norte, onde bolsões de miséria e violência convivem lado a lado com paraísos de luxo, corrupção e obesidade chocantes⁶⁸⁹.

⁶⁸⁸ *DWL* 54, 258, 307-308, 343-345.

⁶⁸⁹ *MnI* 135, 138.

No capítulo 9 abordaremos as perspectivas atuais e futuras da espiritualidade.

8.1.

Merton e a América do Norte: A falsa “*Pax Americana*”

Merton chama de “ideologia” ao conceito de *pax romana*, usado pelo historiador Eusébio para expressar o Reino de Deus na terra, tendo o imperador como representante de Cristo. Ele considera que um tal conceito serve muito bem para justificar o imperialismo norte-americano atual, quando diz: “Nós ainda estamos apegados a essa ideologia que põe o poder do império na mão direita de Deus”.⁶⁹⁰

Apresentamos Merton como um dos precursores da espiritualidade da paz na América do Norte. Em 20 de novembro de 1961 ele escreveu a Ernesto Cardenal: “Estamos iniciando um movimento norte-americano em favor da paz. Será muito difícil. Infelizmente estamos muito atrasados”.⁶⁹¹ Os pioneiros desse movimento foram Dorothy Day, com o jornal *The Catholic Worker*, fundado por ela (e até hoje uma forte voz profética) e o jesuíta Dan Berrighan⁶⁹².

Foi Merton, juntamente com o papa João XXIII (através da Encíclica *Pacem in Terris*) que ajudou a despertar a consciência eclesial e nacional para a urgência de se promover a paz através da resistência não violenta. Na América do Norte a não violência é uma prática historicamente respeitável e moralmente necessária. Já os fundadores da nação a tinham praticado contra os colonizadores ingleses. Vamos ver a seguir como a intenção de Merton é atualizada e reinterpretada hoje, à luz da situação de violência institucionalizada e potencializada pelos acontecimentos decorrentes do 11 de setembro de 2001.

De fato foi bem difícil para Merton seu testemunho profético. Teve que pagar alto preço por ele. É o que se evidencia no desabafo a Cardenal, queixando-se de que, ao escrever contra a guerra do Vietnam, ele atraiu a ira dos católicos fundamentalistas e ultra-nacionalistas de Louisville, KY. São esses mesmos

⁶⁹⁰ DWL 183.

⁶⁹¹ CT 128.

⁶⁹² DWL 14, 21, 253, 317, 323.

fanáticos que o denunciaram ao FBI. Também queimaram os seus livros em plena praça pública, chamando-o de “ateu” e “antipatriota”.⁶⁹³

A violência e o terrorismo presentes no mundo formam o contexto para a busca de uma nova espiritualidade da paz. Merton percebeu que vivemos num mundo de violência e terror. Ele contemplou esse espetáculo terrível e buscou encontrar uma resposta. Ele vê a violência como resultado do mito pseudo-científico de que é natural o mais forte agredir o mais fraco. Por trás da atitude belicista do Pentágono ele vê a falsa premissa de que os EUA têm a missão divina de combater o comunismo e deter seu avanço no mundo.⁶⁹⁴ Merton não aceita essa premissa e vê a canonização da violência como contraproducente. Ele nos interpela a considerar a canonização da violência sob o ponto de vista das vítimas: mulheres e crianças com o corpo carbonizado pelas bombas de *napalm* no Vietnam⁶⁹⁵.

Merton é lúcido em sua análise da política do governo norteamericano: não promove nem a liberdade, nem a democracia, nem o desenvolvimento dos povos. Tanto no Vietnam, quanto na China e na América Latina, uma tal política conduz ao fracasso e a uma espiral de violência, com armas cada vez mais potentes e destruidoras. É uma política mal assessorada, por pessoas interesseiras, visando o lucro, que vêem comunismo em toda a tentativa de melhorar as condições de vida do povo. Elas não têm respeito pelas outras culturas, sociedades e religiões. Não é só falsa, mas também injusta e contraproducente. O efeito acaba sendo o contrário do esperado: Ao invés de libertar o povo, está empurrando para o comunismo e criando um anti-americanismo generalizado com os bombardeios sobre a população civil.⁶⁹⁶

Merton sente desgosto, desalento e vergonha por ser cidadão norteamericano. Ao mesmo tempo em que insta a orar pela paz, exorta a resistir às mentiras e aos falsos valores impostos pelos senhores da guerra. Eles estão cheios de hipocrisia e corrupção, ávidos de poder e dinheiro, ao mesmo tempo em que falam de democracia e liberdade⁶⁹⁷. A oração de Merton pela paz, escrita a pedido

⁶⁹³ CT 128.

⁶⁹⁴ DWL 231.

⁶⁹⁵ FV 91-93.

⁶⁹⁶ DWL 204.

⁶⁹⁷ CT 144.

de um membro do Congresso, não deixa dúvida de como deve ser a atitude cristã para a hora presente: orar e resistir⁶⁹⁸.

Mas ele sabe que a história está nas mãos de Deus e não da Besta com seu servo, o Pentágono cheio de *hybris* e confiança na eficácia tecnológica, que decidiu se tornar a polícia do mundo, o “*Big Brother*”. No trato com outros povos usa da mesma estratégia da polícia contra os negros no Alabama, como se fossem inferiores. A mídia distorce os fatos. A imprensa mente, tentando mostrar a guerra como justa, razoável e boa, e os americanos como vítimas, atacados pelos outros e por isso devem se defender. A maioria do povo é apática; a hierarquia católica e os cristãos defendem a guerra contra os bárbaros, amigos do caos e da confusão.

Merton lembra da Babilônia⁶⁹⁹, o império hegemônico, para o qual a Bíblia não reserva qualquer palavra de elogio. “Feliz o exército que um dia te destruir, *Babel*, como uma aranha de ouro”.⁷⁰⁰ O juízo de Deus sobre os EUA virá com certeza⁷⁰¹. Ao mesmo tempo em que reconhece a doença da sociedade norte americana rica, sente compaixão pelas milhares de vítimas em seu sofrimento e deseja libertá-las de suas obsessões⁷⁰².

8.1.1.

A espiritualidade da paz na “*Babel armada de bombas*” (Cardenal)

Merton chama de “*Babilônia*” ao império montado sobre a violência, injustiça e ostentação do poder⁷⁰³. Os cristãos devem resistir, rompendo os laços com ela. Mas eles não têm onde fugir, senão pelo martírio como forma de protesto contra a idolatria da violência. Ele cita o Apocalipse, para quem a fumaça da ruína de Babilônia sobe ao céu. E propõe a mesma atitude profética dos primeiros cristãos contra o império opressor. Não há indicativo de que eles lutassem para preservar o poder da Besta, em favor do imperador, como na América do Norte de hoje, em que os supostos cristãos se comportam primeiro como americanos, e só depois como cristãos⁷⁰⁴.

⁶⁹⁸ CT 132.

⁶⁹⁹ DWL 225.

⁷⁰⁰ DWL 225-226.

⁷⁰¹ DWL 250.

⁷⁰² DWL 226.

⁷⁰³ DWL 225.

⁷⁰⁴ DWL 225-226.

Também para Daniel Berrigan, a América do Norte é *Babel* (ou Babilônia). Seu símbolo é a águia, sempre pronta a se lançar sobre outras criaturas vivas para as devorar. Não a águia bíblica, como metáfora de São João. Eis como Dan faz a exegese da Bíblia, unindo texto e mundo atual! Ele aprendeu com Merton e Abraham Heschel a familiaridade com os Salmos e profetas hebreus. Recontextualizou a mensagem bíblica para hoje, assim como os teólogos da libertação o fazem com o Êxodo e o Exílio, tornando a mensagem relevante e atual, numa relação mística e imediata com o texto.⁷⁰⁵

Merton percorre a história da Igreja, onde busca confirmar sua postura profética para hoje. Assim, Clemente de Alexandria rejeitava o serviço militar, e propunha a objeção de consciência. Os primeiros cristãos servindo no exército, recusavam matar (São Maximiliano, São Martinho de Tours). Cipriano nota que, quando um indivíduo mata alguém é crime, mas quando um governante assassina milhares de pessoas, é considerado virtude. Tertuliano conclui que, do fato de Jesus repreender Pedro por usar a espada e pedir que a guarde, estava assim “desarmando todos os soldados”.⁷⁰⁶

Em 1965 Merton organizou um retiro no Mosteiro de Gethsemani para tratar da resistência à Guerra do Vietnam, sob o tema: “*As raízes da resistência*”. Esse foi o ponto inicial do movimento católico norte-americano contra a Guerra. Estava presente Daniel Berrigan (Dan), que se tornaria o líder da espiritualidade da paz até hoje. O depoimento de Merton sobre Dan é altamente positivo: tem um coração verdadeiramente jesuíta, é inteligente, cheio de compaixão, zelo e liberdade interior. Ele é uma verdadeira esperança para a Igreja.⁷⁰⁷ Sua teologia é encarnacional, aprendida com Merton. “Se Deus escolheu vir à terra e fazer parte da família humana, isso deve dizer algo sobre a vida, a humanidade e a carne”.⁷⁰⁸

O padre Daniel Berrigan (Dan) participou do retiro pregado por Merton em 1965 e ficou impressionado ao ouvir o relato sobre Franz Jägerstätter, pe. Alfred Delp SJ e Simone Weil, paradigmas da resistência não violenta. Ao terminar o retiro Dan saiu de lá com o propósito de se tornar um apóstolo da não violência. Durante a guerra do Vietnam ele liderou o chamado “Grupo dos Nove”, que

⁷⁰⁵ AP 83

⁷⁰⁶ MERTON, T. *Redeeming the Time*. Op., cit. p. 148-149.

⁷⁰⁷ *TtW* 238. Cf., também *CGB* 251.

⁷⁰⁸ AP 66.

invadiu um escritório de convocação de jovens para lutar na guerra. Depois de tomar os registros, jogou sangue sobre eles e os queimou publicamente. Por isso foi chamado pela imprensa de terrorista, radical e pró-comunista⁷⁰⁹.

Para Dan, a carne carbonizada de crianças, mulheres e adultos no Vietnam, bem como o sangue dos soldados americanos, eram mais importantes do que o papel burocrático de alistamento militar, convocando jovens a servir na guerra. Por isso Dan decidiu queimar publicamente esses documentos de convocação militar, com gás *napalm* de fabricação caseira. Ele foi preso por infringir a lei, em nome da justiça (do Reino). Dan praticou a compaixão de Deus⁷¹⁰.

Dan também participou de demonstrações antinucleares na Pensylvania. Conseguiu entrar com seu grupo numa fábrica de mísseis Mark 12A e com um simples golpe de martelo danificar a frágil estrutura metálica de um deles, carregado com bombas de 350 kilotons em material explosivo. Além disso jogou o próprio sangue sobre o míssil, simbolizando as vítimas humanas. Depois, o grupo de pessoas orou de mãos dadas, pedindo que Deus desarme os espíritos dos que fazem e lançam as bombas. Essa união de oração e resistência só foi interrompida quando chegaram os guardas para os deter e prender. Ele entendeu que seguir Jesus hoje significa expor-se ao risco de perseguição, prisão e morte.⁷¹¹

Dan foi perseguido inclusive pela hierarquia eclesiástica. O cardeal Spellman, o mesmo que abençoava os mísseis que seriam lançados na guerra do Vietnam, pediu ao provincial dos jesuítas que tirasse Dan de Nova Iorque e o afastasse do Movimento pela Paz. Então ele foi enviado à América Latina como castigo: México, Brasil, Chile e Peru. Mas lá se tornou ainda mais radical, vendo a situação de pobreza e miséria. Ele percebeu o vínculo entre a corrida armamentista da América do Norte e a pobreza e exclusão na América do Sul⁷¹².

Mas existe também um Terceiro Mundo na própria América do Norte. A poucos quarteirões do Capitólio, onde o padre John Dear S.J. trabalhou em

⁷⁰⁹ Em 16/abril/2004 Berrigan veio dar palestra sobre Thomas Merton, na Bellarmine University. Sua vinda provocou veemente protesto de um ex-aluno, capitão do exército, que, em carta enviada ao Thomas Merton Center, chama Berrigan de 'fora-da-lei'. (Arquivos do Thomas Merton Center).

⁷¹⁰ BERRIGAN, Daniel. Swords Into Plowshares. *The Catholic Worker* v. XLVI n. 8. out/nov 1980.

⁷¹¹ AP 53.

⁷¹² DWL 317, 323.

projetos sociais, (que depois foram cortados pelos governos Reagan/Bush), há bolsões de miséria e violência, como disemos anteriormente. Chocantes são as cifras, e falam por si. Quando Reagan iniciou seu primeiro mandato, havia a seguinte proporção: para cada sete dólares aplicados na defesa, um dólar era aplicado em obras sociais. Já no seu segundo mandato, a relação era de quarenta e quatro dólares para a defesa, enquanto apenas um para o bem estar dos pobres. A estimativa para o ano 2000 era a de que haveria um milhão de pessoas sem teto (*homeless*) vivendo nas ruas do país, enquanto o orçamento militar cresceu assustadoramente.⁷¹³ Tal realidade insinua aos cristãos autênticos a necessidade de uma teologia da libertação também para a América do Norte!

Em 1993, além das manifestações de protesto e resistência anteriormente elencadas, Dan e seu grupo danificaram um bombardeiro F15E *Strike Eagle* na Base Aérea da Carolina do Norte. Perseguido pelo FBI, Dan entrou na clandestinidade. Durante meses viveu como um marginal e fora-da-lei, até ser novamente preso. Diante do juiz que o interpelava se pararia com esses atos de desobediência civil, ele respondeu: “Se o presidente Bush ((pai) parar de fabricar mísseis, eu paro de golpeá-los”.⁷¹⁴ A coragem de Dan deu-lhe respeitabilidade mundial: quando os vietcongs resolveram libertar três pilotos norte-americanos seqüestrados, foi Dan o escolhido para buscá-los no Vietnam do Norte, por ser um dos líderes do movimento pela paz.

Além de Daniel Berrighan, destacamos outra figura que atualizou a mensagem e o legado mertonianos: foi Henri Nowen. Conheceu-o pessoalmente, assimilou profundamente sua mística e compaixão, bem como a espiritualidade do seguimento de Jesus. Merton é tema recorrente dos seus escritos, por ter encarnado a dimensão interior do verdadeiro ser da Igreja.

Nowen realizou o que o próprio Merton queria e não conseguiu: viver inserido por um tempo no meio das comunidades pobres da América Latina, nomeadamente no Peru, onde bebeu da espiritualidade da libertação com Gustavo Gutierrez. No seu encontro com Gutierrez, Nowen percebeu que a espiritualidade da libertação é holística (não abrange só a alma), comunitária e baseada no conceito de Igreja como Povo de Deus. Percebeu ainda que ela é profundamente

⁷¹³ DEAR, John. *Seeds of Non-Violence*. Baltimore: Fortkamp Publishing Company, 1992, p. 11-12.

⁷¹⁴ AP 71.

bíblica e embasa a teologia da libertação. É também cristocêntrica, reinocêntrica e trinitária⁷¹⁵.

O próprio Nowen se considera um convertido, a partir do encontro com a realidade latino-americana. Tal conversão começa ao perceber que a espiritualidade que ele cultivava era puramente elitista, intimista e burguesa, tão característica dos norte-americanos em geral. A partir de então ele foi sendo convertido pelo encontro com a realidade da pobreza e exclusão. Depois voltou ao coração do império americano a fim de ajudar a minar as bases da ideologia imperialista, lutando contra a política belicista de Ronald Reagan para a América Central e do Sul, que destruiu as sementes de libertação ao financiar os ‘contras’ da Nicarágua, El Salvador e Guatemala⁷¹⁶.

A falsa *pax americana* da Babel armada de bombas consiste no discurso que proclama a liberdade e democracia como valores quase absolutos da religião civil, mas na verdade, o que busca de fato é a hegemonia mundial e interesses puramente econômicos. A propósito, Nowen escreve essas palavras, cheias de atualidade: “No mundo ‘livre’ dos Estados Unidos, onde está concentrada a maior parte da riqueza do mundo, é difícil encontrar liberdade espiritual. Muitos cristãos do Norte são aprisionados por seus medos e culpas. Eles têm mais do que precisam, porém menos liberdade do que os seus irmãos cristãos da América Latina, que estão lutando para sobreviver”.⁷¹⁷

A espiritualidade social de Merton, a busca urgente de justiça e desarmamento, inspiraram a estratégia e prática da não violência, tanto de Dan, quanto de Nowen. “Como é difícil proclamar radicalmente a paz de Jesus num mundo que gravita tão depressa em torno de soluções violentas para os seus problemas”, escreve Henri Nowen.⁷¹⁸

Sendo assim, podemos perguntar: Onde fica Deus, então, diante de tanta violência? Dan responde que, de certa forma, Deus também se torna vítima da canonização da violência. Eis o que ele escreve: “Eu creio que Deus morre um pouco com cada assassinato, cada gesto de crueldade, cada mentira e cada

⁷¹⁵ NOWEN, Henri. *Estrada para a Paz: Escritos sobre paz e justiça*. São Paulo: Loyola, p. 184-185.

⁷¹⁶ Reagan é responsável pela morte de 300.000 pessoas na América Central. Ainda assim, teve morte de herói em 2004, depois de uma vida vegetativa por cerca de dez anos.

⁷¹⁷ NOWEN, H. *Estrada para a Paz... Op.*, cit. p. 185.

⁷¹⁸ NOWEN, H.. *Estrada para a Paz.....* p. 14.

concessão à morte. Deus morre em nós, na natureza e no sangue inocente, Deus morre no universo agonizante. A voz de Deus é abafada, sua vontade ridicularizada, e sua compaixão anulada. Vastos armamentos declaram Deus impotente, vastos orçamentos militares mostram ser Deus inútil”.⁷¹⁹

São palavras profundamente atuais, sobretudo depois do 11 de setembro de 2001, quando o medo domina os governantes e os torna paranóicos, vingativos, pretensamente em nome da civilização cristã. A destruição das Torres Gêmeas em Nova Iorque era o pretexto que eles buscavam para impor a hegemonia norte-americana no mundo no Terceiro Milênio. Já em 1997 os neoconservadores (“*neocons*”), liderados por Donald Rumsfeld, Dick Cheney e Paul Wolfowitz elaboraram um Projeto para o Novo Milênio, propondo uma política norte-americana mais agressiva para a dominação global.⁷²⁰

Os resultados atuais e as perspectivas futuras são catstróficas: A administração Bush conseguiu isolar os EUA do resto do mundo, criando barreiras, mesmo entre as nações aliadas. A economia está sendo aos poucos destruída. A nação vive no medo, expresso na permanente elevação do nível de alerta em anúncios de TV. E, não por último, com seu desrespeito à religião muçulmana, Bush está incendiando a *jihad* islâmica contra a nação. A Europa responde com a indiferença religiosa e até com o ateísmo, diante de um deus assim manipulado para justificar a guerra, como fazem hoje os “*neocons*” fundamentalistas pretensamente cristãos, instalados na Casa Branca e no Pentágono⁷²¹.

Resumindo, na América do Norte a mensagem e o legado de Merton continuam cada vez mais vivos e atuais. Sobretudo a urgência em promover a paz. Ele mostrou que a espiritualidade não pode criar pessoas covardes, conformistas e

⁷¹⁹ AP 78.

⁷²⁰ From Power to Paralyzing Fear. *National Catholic Reporter*. Kansas City, MO. v. 40 n. 27. 2.000, p. 24.

⁷²¹ Para uma análise lúcida das perspectivas futuras para os EUA, recomendamos a obra de JOHNSON, Chalmes. *The Sorrows of Empire: Militarism, Secrecy and the End of the Republic*. Nova Iorque: Metropolitan Books, 2004. O autor apresenta, as seguintes catástrofes possíveis, se as atuais diretrizes políticas tiverem continuidade: A destruição da república, (como no Império Romano), transformada numa ditadura interna; a perda dos direitos constitucionais, (com a pentagonização do executivo, eclipsando um congresso corrupto); a exaltação da força bruta e da guerra; a bancarrota da economia, sendo os recursos econômicos desviados da educação, moradia e bem estar social, para serem investidos em armamentos cada vez mais sofisticados; e, não por último, a desinformação e a mentira transformadas em propaganda de Estado (p. 285ss.). É de se temer que tais catástrofes já sejam realidade, sem falar nos danos irreversíveis ao meio ambiente.

transformadas em estatuas de gesso. Berrigan recorda uma carta de Merton à Irmã Maria Emmanuel do Brasil O.S.B, em que o Eremita de Gethsemani assume sua responsabilidade pelo mundo, precisamente a partir de sua condição de contemplativo: “Não vejo nenhuma contradição nisso, pois penso que Deus age na história. Destarte, um contemplativo que não tenha o sentido da história, nem de sua responsabilidade nela, não é plenamente contemplativo... Nosso país está sendo julgado”.⁷²²

8.1.2.

A espiritualidade macroecumênica: “O Encontro de Gethsemani”

Além de inspirar a espiritualidade da paz, Merton é um dos precursores da espiritualidade macroecumênica, junto com o Dalai Lama⁷²³, como dissemos. Eis a resposta de Merton ao problema do fundamentalismo religioso no mundo, que hoje voltou com renovada virulência, ameaçando a humanidade com novo choque de civilizações. O Dalai Lama, líder espiritual budista, recorda não só o senso de humor em Merton, mas também destaca o ponto mais fundamental em comum entre as religiões budista e cristã: a *compaixão*⁷²⁴.

Em 1996, a pedido do Dalai Lama, realizou-se o “Encontro de Gethsemani” entre monges cristãos e budistas. O objetivo era intercambiar experiências monásticas e definir a missão dos contemplativos no mundo de hoje. O líder espiritual tibetano queria que o Encontro fosse em Gethsemani em memória de Thomas Merton, que o impressionou indelevelmente. O líder máximo dos budistas chegou a confessar que a lembrança do seu encontro com Merton é uma das memórias mais gratas de sua vida: “O impacto do encontro com Merton vai durar até o fim da minha vida”.⁷²⁵ O Dalai Lama propôs na ocasião uma espiritualidade enraizada na Terra, tão ameaçada! Eis a tarefa conjunta lançada aos budistas, aos cristãos e aos membros de todas as demais religiões, não

⁷²² BERRIGAN, Dan. *The Peacemaker. Thomas Merton/Monk: A Monastic Tribute*. Kalamazoo: Cistercian Publications, 1983, p. 223.

⁷²³ *MnI* 135, 150, 196, 233, 252, 253, 275, 278, 376, 381, 382, 383, 392, 398-408, 416.

⁷²⁴ DALAI LAMA. *Freedom in Exile: The Auto-Biography of the Dalai Lama*. Nova Iorque: HarperCollins Publishers, 1999, p. 190.

⁷²⁵ DALAI LAMA. *Freedom in Exile*. Op., cit. p. 189.

obstante as diferenças doutrinais! Ele propõe também que seja ouvida a voz dos excluídos e das minorias.⁷²⁶

Já na década de 50 os jesuítas da Universidade de Sophia no Japão empreenderam um fecundo esforço de introduzir o Zen nos meios cristãos. Mas foi bem antes, através de Suzuki, na Universidade de Columbia, que Merton teve seu primeiro contato com a mística budista. Ele procurou pontos de contato entre o budismo e o cristianismo, e o encontrou no conceito de compaixão. *Karuna* ou compaixão pode ser considerada a mola mestra de todo o ser e agir dos budistas, fundamento de toda a sua ética. Trata-se de assumir os sofrimentos alheios como se fossem próprios.⁷²⁷

Merton foi à Ásia em busca da grande compaixão, *mahakaruna*, própria dos *bodhisatva*, os que foram iluminados com a perfeita sabedoria, mas recusam sua fruição, para ajudar outras pessoas sofredoras a se libertarem.⁷²⁸ É o grau supremo de despreendimento e doação de si aos outros, ideal de santidade, tanto no budismo, quanto no cristianismo. Merton considerava bela essa atitude existencial de considerar como seus os sofrimentos dos outros, quando se está em situação confortável e eles em aflição. Ele considera o Dalai Lama um dos maiores cristãos, por causa de sua prática de amor ao inimigo no espírito do Sermão da Montanha. Nunca se ouviu dizer que ele criticasse a China, país invasor do Tibet, fazendo dele um permanente exilado⁷²⁹.

No encontro com o Dalai Lama, Merton submete à sua crítica o texto que iria proferir sobre *Marxismo e Perspectivas Monásticas*, em que fazia a ponte entre a concepção budista de crítica à existência centrada no ego, e o conceito marxista de ‘alienação’. Buda ensina uma atitude ativa frente à terra, e passiva frente ao céu. Nesse processo a graça não está ausente. É ela uma dimensão integral da experiência espiritual que possibilita seguir o caminho, superar os obstáculos e nos acompanha, quando todos os referenciais se perderam.⁷³⁰

Na viagem pela Índia, tão longamente ansiada, Merton foi ao encontro do Dalai Lama em Daramsala. Lá não só se interessou pelo budismo, mas também

⁷²⁶ DALAI LAMA. CD *COMPASSION*: Special Message from His Holiness the XIVth Dalai Lama; MITCHELL, Donald et alius. *The Gethsemani Encounter: A Dialogue on the Spiritual Life by Buddhists and Christian Monastics*. Nova Iorque: Continuum, 1999, p. 260ss.

⁷²⁷ *OSM* 135.

⁷²⁸ *OSM* 332.

⁷²⁹ *MnI* 404.

pelo hinduísmo⁷³¹. Admirava os cristãos indianos que vivem como monges, tendo adaptado sua liturgia, arquitetura e vestimentas ao estilo hindu. Usam vestes cor alaranjada, fazem orações em sânscrito, são vegetarianos e estudam as semelhanças entre as Sagradas Escrituras dos cristãos e dos hindus (os *Vedas*).⁷³² Merton ainda almejava uma última radicalidade em seu itinerário espiritual: tornar-se um *sanyasi*, no total escondimento e desprendimento, livre de todo medo, preocupação, cuidado e ganância. Como eles, queria ser sem teto, sem emprego e sem fama.⁷³³

Pensando nos outros em compaixão, os monges budistas (“*rimpoches*”) recusam viver o tempo todo na solitude. Daí que Merton se imagina vivendo na solitude, mas saindo de vez em quando. Em sua viagem à Ásia ele foi como peregrino e aprendiz das antigas tradições e experiências místicas, para depois voltar enriquecido à sua própria casa. No terceiro encontro com o Dalai Lama, o chefe espiritual budista interpelou Merton sobre mística, vocação monástica e a ascese para integrar as paixões.

O Dalai Lama é, como Merton, um apóstolo da compaixão. Posicionando-se sobre a crise mundial que se sucedeu ao 11 de setembro de 2001, o líder tibetano oferece a solução, a partir de sua mística, ao afirmar: “O terrorismo é a pior forma de violência, então temos de reprimi-lo, temos que tomar contramedidas. O ‘antídoto real’ para o problema é a *compaixão* e o diálogo com os terroristas”.⁷³⁴ Num mundo em guerra como hoje, é difícil saber quem é de fato o verdadeiro terrorista. Mas a compaixão, o diálogo e a solidariedade seriam de fato a solução para a violência do fanatismo religioso. João Paulo II provou que essa utopia é possível, no “*Encontro de Assis*” em 1986, onde estavam presentes os líderes das grandes religiões da humanidade, inclusive o Dalai Lama.

8.1.3. A Espiritualidade Feminista

Alem de ser um dos precursores da espiritualidade da paz e do macroecumenismo, Merton é inspirador da espiritualidade feminista, promovendo

⁷³⁰ OSM 260.

⁷³¹ Mnl 398-407.

⁷³² MV 176.

⁷³³ OSM 103.

assim uma espécie de teologia da libertação para o Primeiro Mundo. Mencionamos na Parte II a leitura feminista que Merton faz da cristologia, chamando Jesus de *Hagia Sophia*. Com isso ele revela sua abertura à teologia e espiritualidade feministas. Ele se correspondia nessa ocasião com a teóloga feminista norte-americana Rosemary Ruether.

Virginia Mollenkott aponta para o fato de a espiritualidade feminista ser bem antiga na história da Igreja, embora reprimida. Orígenes, Irineu de Lion, Clemente de Alexandria, João Crisóstomo (347-407), Gregório de Nissa (+395), Agostinho (+430), Boaventura (+1274), Tomás de Aquino (1225-1274), Gregório Palamas, Matilde de Hackenborn (+1298), Ângela de Foligno (1248-1309), Catarina de Sena (1347-1380) e Teresa de Ávila (+1582) usaram metáforas femininas para Deus e Cristo. Também os cistercienses Bernardo de Claraval (+1153), Elredo de Rievaulx (+1167), William de St Thierry (+1148) falam de Jesus como ‘Mãe’ que nos amamenta em seu seio, conotando a idéia de proximidade divina⁷³⁵. Elza Tamez retoma a imagem de Clemente de Alexandria quando chama Jesus de “o Leite do Pai”⁷³⁶.

Merton exalta o feminino numa cultura machista e é um dos precursores da espiritualidade feminista. Para a espiritualidade feminista o *Magnificat* de Maria é o ponto de referência da teologia da libertação, porque fala de uma reversão escatológica: Deus derruba os poderosos de seus tronos. Sua atitude corajosa está longe de ser um incentivo à misoginia presente em nossa cultura.

Mas foi sobretudo Rosemary Ruether, representante da teologia e espiritualidade feministas, quem ajudou Merton nesse processo de releitura da Bíblia sob nova ótica. Ela buscou desconstruir na Bíblia o paradigma patriarcal androcêntrico, fonte de exclusão, para reencontrar o caráter libertador do Evangelho, que incluía mulheres no seguimento de Jesus (Jo 4). No Mosteiro de Florença encontra-se uma pintura de Fra Angélico, retratando Jesus no Gethsemani. Enquanto os discípulos dormem, duas seguidoras de Jesus estão vigilantes com ele: Marta e Maria Madalena. No momento de maior fragilidade e vulnerabilidade de Jesus, elas são um ícone de solidariedade e compaixão.

⁷³⁴ GAZETA DO POVO – Paraná. Sexta-Feira 19/set/03, p. 24.

⁷³⁵ MOLLENKOTT, Virginia Ramey. *The Divine Feminine: The Biblical Imagery of God as Female*. Nova Iorque: Crossroad, 1983, p. 8-11.

⁷³⁶ Palestra proferida por Elza Tamez em Porto Alegre, por ocasião do I Fórum Mundial de Teologia e Libertação entre 19 e 25 de janeiro de 2005.

Destarte, a espiritualidade feminista busca resgatar o valor do *eros*, que não é uma ameaça à espiritualidade. Pelo contrário, ele é o dinamismo do desejo buscando a união com a Fonte do Ser e do Bem, e assim, com todas as criaturas humanas e não humanas. Com São Bernardo aparece a linguagem erótica nos escritos cistercienses. É um novo modo de representar a consciência mística. Ele escreve que cada pessoa deve encontrar em si “uma fonte a partir de onde aspirar às núpcias da Palavra”.⁷³⁷ Sugere o *sequi Christum* (seguimento de Cristo) mediante a câmara nupcial da contemplação. Comentando São Bernardo *In Cantica*, na passagem sobre os esposais místicos, Merton anota em seu Diário a frase que mais o impactou do Doctor Mellifluus: “*Tranquillus Deus tranquillat omnia*”.⁷³⁸

A tradição cristã acentuou unilateralmente o *ágape*, desconfiando do *eros* (Agostinho é em parte responsabilizado por isso, juntamente com uma mística neoplatônica dualista que desvaloriza a matéria e vê na mulher a fonte do pecado)⁷³⁹. Como expressou muito bem Sebastian Kappen, pouco antes de morrer, comentando o novo paradigma feminista na teologia: “Unicamente uma espiritualidade que sintetiza *eros* e *agape* é capaz de enfrentar os desafios feministas e ecológicos de hoje”⁷⁴⁰.

Rosemary Radford Ruether, sendo oblata beneditina, deseja ardentemente que a vocação monástica seja sinal escatológico e um testemunho na Igreja, lugar onde se renova a criação. Ela considera que o afastamento e a ida ao deserto não configuram uma vocação elitista, mas fazem parte do ritmo normal da vida que todos deveríamos seguir. Pois, como ela mesma diz: “é preciso voltar à caverna para ajudar os que estão prisioneiros, do contrário a contemplação se torna estéril. Eu me pergunto se é possível contemplar fora da relação de toque, vista, cheiro e sentido verbal de uns para com os outros. A face de Deus se revela na face do irmão”.⁷⁴¹ Ela buscava intuição profética em Barth, Bonhoeffer e Bultmann.

Também as teólogas feministas atuais valorizam mais a práxis do que a teoria. Dorothe Soelle anseia que seu labor teológico se transforme em oração. Ela

⁷³⁷ SÃO BERNARDO. Sermones Super Cantica 83, 1. Apud *Flourishing of Mysticism*, p. 12.

⁷³⁸ *EtS* 116.

⁷³⁹ KAPPEN, Sebastian. *Spirituality in the new age of recolonization*. Nova Iorque: Orbis Books. *Concilium*, v. 4, 1994, p. 34.

⁷⁴⁰ *Ibidem*

⁷⁴¹ *aHW* 21.

tem como modelo o *Evangelho em Solentiname* de Ernesto Cardenal⁷⁴². Ela propõe como primeiro passo do labor teológico a atitude de escuta ao clamor dos sofredores e ao gemido da criação. São dores de parto (Rm 8). As teólogas feministas percebem que a Bíblia não só é fonte de verdade e salvação, mas também de muita violência e discriminação.⁷⁴³

E numa profunda intuição do que é espiritualidade da libertação, Soelle faz alusão a Nicolau Berdiaev, lembrando que a minha fome é um problema material, ao passo que a fome do meu próximo é um problema espiritual. Ao mesmo tempo critica as interpretações burguesas do Evangelho, que são fatalistas diante do sofrimento dos pobres, e cujas celebrações funcionam como ópio. Propõe então como tarefa da espiritualidade feminista: ouvir o clamor de Deus, nomeá-lo e participar com Ele na luta pela libertação dos oprimidos e rumo à construção de um mundo melhor.⁷⁴⁴

Rosemary Ruether Radford, com profunda sabedoria e discernimento a respeito da gravidade da hora presente, influenciada por Barth e Bonhoeffer, propõe que as igrejas dos EUA *resistam* ao cristianismo “americanista” atual, com seu nacionalismo messiânico em volta de um novo “*fuhrer*”. Com suprema audácia, Rosemary propõe a necessidade de uma nova “*Declaração de Barmen*”, convocando os cristãos à resistência diante dos poderes políticos demonizados. Pois a fé crista uma vez mais, como diante do nazismo de Hitler, foi seqüestrada e manipulada para justificar a Guerra do Iraque. Destarte, as igrejas em uníssono devem responder a esse abuso do nome de Deus, e resistir à ideologia de que a América do Norte é a nação eleita, chamada a impor ao mundo seu estilo de vida, mediante sanções econômicas, políticas e militares⁷⁴⁵.

Na esteira de Merton no passado, Rosemary propõe a união de resistência e profecia para a hora presente: Deus não se identifica com a nação, mas é um Deus de todos os povos. E o mal não está localizado nos inimigos da nação, mas dentro dela, como denunciaram os profetas de Israel: em seus governantes e na sociedade, cultura e religião que os escolhe e respalda. O mal e o terrorismo nunca

⁷⁴² CARDENAL, Ernesto. *Gospel in Solentiname*. Nova Iorque: Orbis Books, 1976.

⁷⁴³ SOELLE, Dorothy. *The Need for Liberation in a Consumerist Society. The Challenge of Liberation Theology*. Nova Iorque: Orbis Books, 1981, p. 10ss.

⁷⁴⁴ SOELLE, D. *The Need for Liberation...* Op., cit., p. 10-15.

podem ser conquistados pela força militar, mas pela *conversão*, a nível pessoal, político e ecológico. A conversão é fruto da graça divina e nos inspira a recompor as relações com as (os) outras(os), sendo solidários e compassivos.⁷⁴⁵ Supõe desarmamento e não dissuasão (intimidação).

Aos poucos, o modelo patriarcal de Igreja e sociedade vai cedendo lugar a um modelo com rosto mais feminino. Na América Latina, as Comunidades Eclesiais de Base são em grande maioria dirigidas por mulheres, com capacidade de liderança que em geral supera a dos homens. Não adianta o confronto com a hierarquia da Igreja, como sugeriu Rosemary Ruether na correspondência com Merton. Seria inútil e frustrante. É muito mais eficaz o trabalho silencioso, muitas vezes realizado no anonimato, que vai fermentando a vida espiritual da Igreja e gestando uma nova forma de sociedade. Se preciso for, vale a pena ir ao deserto, como a Mulher do Apocalipse (Ap 12, perícopes lida na liturgia da Assunção de Maria em 15 de agosto) e como o próprio Merton fez. Uma retirada estratégica, ainda que temporária, fortalece a fé, a esperança e o amor.

Até aqui vimos o legado mertoniano atualizado para a América do Norte, ressaltando as espiritualidades da paz, macroecumênica e feminista. Vamos ver a seguir a contribuição de Merton inspirando a espiritualidade da justiça no contexto latinoamericano.

8.2. Merton e a América Central e do Sul

Foi Ernesto Cardenal quem introduziu Merton na realidade sócio-política, cultural e religiosa do continente latinoamericano. Ele estudou na Universidade de Columbia, EUA, onde Merton também foi aluno. Cardenal converteu-se à fé católica lendo as obras de Merton. Por isso decidiu ingressar no mesmo mosteiro de Gethsemani, tendo-o como Mestre de Noviços, com o nome religioso de Father Louis. Cardenal recebeu o nome de Brother Lawrence. Ao entrar no mosteiro, ele temia dever renunciar à vocação de escritor e poeta. Mas o seu Mestre de

⁷⁴⁵ RUETHER, Rosemary. US Churches must reject 'Americanistic' Christianity: American Messianic Nationalism calls for United Religious Response. *National Catholic Report*. 23/abril/2004, p. 17.

⁷⁴⁶ *Ibidem*.

Noviços, que teve a mesma inquietação no passado, tranqüilizou-o, fazendo-o ver que “não há conflito entre a contemplação e a ação”.⁷⁴⁷

Cardenal foi noviço durante dois anos em Gethsemani, de 1957 a 1959. Na época escreveu a belíssima obra *Abide in Love (Vida en el Amor)*, prefaciada por Merton. É um verdadeiro tesouro de contemplação, exaltando a um tempo a glória de Deus, a dignidade do ser humano e o mistério da criação, na liturgia cósmica das estrelas. Merton considerava essa obra no mesmo nível dos escritos de Teilhard de Chardin.⁷⁴⁸

Depois que Cardenal deixou o Mosteiro por motivos de saúde, ele e Merton trocaram correspondências até 1968. Não raras vezes este recebeu censura do abade dom James Fox por causa de uma tal amizade. Merton tinha que apelar para questão de consciência a fim de que suas cartas ao seu ex-noviço não fossem lidas e censuradas⁷⁴⁹.

Em 1965 Cardenal faz uma visita ao Mosteiro e convida Merton para juntar-se a ele no projeto de fundação da comunidade monástica na Ilha de Solentiname, num lago vulcânico da Nicarágua. Merton seria o diretor espiritual da comunidade monástica nascente. Ele aceitou compartilhar os frutos da contemplação e, como ele mesmo escreve “ajudar outras pessoas a encontrar o que eu encontrei na solitude”.⁷⁵⁰ Também seria uma forma de inserção no meio de pessoas excluídas e abandonadas para reparar os pecados dos colonizadores e as injustiças cometidas contra os índios ao longo da história do continente.⁷⁵¹

Então Merton escreveu ao Secretário da Sagrada Congregação para os Religiosos em Roma, (o cardeal Larraona), pedindo para fundar um mosteiro na América Latina, embora permanecendo juridicamente ligado à sua Abadia de

⁷⁴⁷ WILKES, Paul (Org.). *Merton by Those Who Knew him Best*. Nova Iorque: Harper and Row, 1984, p. 36.

⁷⁴⁸ CT 155. CARDENAL, E. *Vida en el Amor*. (Prefácio de Thomas Merton). Manágua: Ediciones Nicarao, 1992.

⁷⁴⁹ A correspondência entre Merton e Cardenal está compilada na obra *The Courage for Truth: Letters to Writers*. BOCHEN, Christine (Org.). Nova Iorque: Farrar. Strauss. Giroux, p. 110-165 (CT), bastante usada em nossa tese. Por outro lado, Cardenal recorda e confirma essa correspondência em duas de suas obras mais recentes. Cf., CARDENAL, Ernesto. *Vida Perdida*. Barcelona Seix Barral, 1999 (abreviado VP) e CARDENAL, E. *Las Insulas Extrañas: Memórias 2*. Madrid: Trotta, 2002 (abreviado IE). A centralidade de Merton como o protagonista dessa obra é comprovada pelo número de citações em que aparece, respectivamente nas páginas: 13, 22, 35, 39, 41, 45, 61, 69, 70, 75, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 94, 109, 110, 115, 117, 118, 138, 152, 153, 159, 160, 162, 171, 194, 200, 204, 213, 214, 223, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 250, 328, 341, 342, 401, 436.

⁷⁵⁰ DWL 307-309.

origem. Queria viver em solidariedade com os outros.⁷⁵² Seu pedido foi negado. Mesmo assim, não deixou de aprofundar seus contatos com escritores latinoamericanos, permanecendo em Gethsemani. Suas inquietações a respeito de um paradigma alternativo de vida monástica, sacerdotal e eremítica, nunca deixaram de aflorar, até o último ano da vida, em que volta seu olhar para a Ásia, onde finalmente a morte pôs fim a essa busca inquieta.

Em 1965 Cardenal escreveu a *Oração por Marilyn Monroe*, onde critica a sociedade de satisfação imediata⁷⁵³. Em 1989 escreveu *Cântico Cósmico*⁷⁵⁴, onde expressa sua profunda experiência do mistério da criação e do ser humano, em linguagem a um tempo científica e mística. Na obra *Gethsemani: Kentucky*, Cardenal traça uma ecologia espiritual do mosteiro, ao mesmo tempo em que revela sua angústia e não pertença ao lugar, atraído para outro chamado: o de libertar o seu povo da longa tirania da família Somoza, apoiada pelos EUA.

Em 1967 Cardenal escreveu os *Salmos*, reatualizando a mística bíblica hebraica, sob a ótica profética da libertação (o título em inglês expressa bem tal objetivo: *Psalms of Struggle and Liberation*). Merton pensa que essa interpretação dos Salmos de Cardenal é a que deveria ser recitada no ofício divino e insinua que unicamente quem esteve em campo de concentração é capaz de captar plenamente os sentidos dos Salmos⁷⁵⁵. Tanto essa obra quanto *Abide in Love* foram prefaciadas por Merton, que também traduziu grande parte das obras de Cardenal ao inglês.⁷⁵⁶ Cardenal, por sua vez, traduziu também os poemas de Merton ao espanhol⁷⁵⁷.

⁷⁵¹ DWL 343-345.

⁷⁵² LtL 4.

⁷⁵³ DWL 258. Cf., tb www.literatura.vs/cardenal/perdida. Merton ficou profundamente impressionado com esse poema e o verteu ao inglês. Símbolo sexual da década de 50, Marilyn Monroe ainda hoje é uma acusação a uma sociedade que idolatra o corpo e deixa vazia a alma. Cardenal faz uma crítica mordaz à 20th Century Fox por glamourizar a imagem de Marilyn.

⁷⁵⁴ CARDENAL, Ernesto. *Cântico Cósmico*. Ed HUCITEC, 2000. ecardenal@guegue.com.ni

⁷⁵⁵ CT 137.

⁷⁵⁶ MERTON, T. Transcrevemos a seguir partes do belíssimo poema de Cardenal *Gethsemani, KY*, vertido por Merton ao inglês. Expressa a fugacidade da vida, numa linha sapiencial próxima do *Eclesiastes* e da filosofia existencialista atual: "Like empty beer cans, like cigarette butts, my days have been like that. Like figures passing on a TV screen/ And disappearing, so my life has gone. Like cars going by fast on the roads/ With girls laughing and radios playing/ Beauty got obsolete as fast as car models/ and forgotten radio hits/. Nothing is left of those days, nothing/ But empty beer cans, cigarette butts/ Smiles on faded photos, torn tickets/ And the sawdust with which, in the mornings/ They swept out the bars". *The Collected Poems of Thomas Merton*. Nova Iorque: New Directions Books, 1977, p. 847-825.

8.2.1.

Ernesto Cardenal: O Monge como Revolucionário (VP 170)

Cardenal ajudou Merton a se abrir ao mundo, deixando para trás uma fase intimista. Tal abertura por sua vez ajudou Cardenal no empenho por transformar a sua pátria. Merton queria ir à Nicarágua, em solidariedade com os índios e camponeses, e em atitude de resistência e reparação pelas injustiças cometidas pelo colonialismo. Mas o abade James Fox frustrou os planos, antecipando-se a ir até Roma, que o impediu de ir à Nicarágua.

Por sua vez, Cardenal foi aconselhado por Merton a deixar a Abadia de Gethsemani por motivos de saúde, como dissemos. Merton sente profundo apreço por seu ex-noviço, lê atentamente suas poesias e até traduziu algumas obras, como dissemos. Admira a espiritualidade militante e revolucionária de Cardenal e afirma que ele “vê Somoza nos Salmos, nos símbolos de Og e do Sheol”.⁷⁵⁸

A obra de Cardenal une mística com protesto político e crítica social, como Bartolomeu de las Casas nos primórdios da história latinoamericana no séc. XVI. Integra o Evangelho com a cultura indígena, resgatando seus valores espirituais e criticando a ideologia colonialista e imperialista. Foi Merton quem ajudou Cardenal a despertar para a imensa riqueza espiritual dos índios da América do Norte e do Sul. O poeta da Nicarágua faz questão de deixar bem claro isso, afirmando: “Merton foi um dos primeiros nesse processo de descobrimento dos índios. Eu queria deixar constado isso porque foi passado por cima. E também pelo que significou em minha vida”.⁷⁵⁹

Foi Cardenal quem fez a ponte de contato entre Merton e os pensadores latino-americanos. Merton admirava nos escritores latino-americanos em geral a coragem em denunciar as injustiças dos governantes e suas políticas; é uma coragem profética, desmascarando a injustiça e hipocrisia, ao mesmo tempo em que eles se tornavam porta-voz dos sem voz. Por isso ele se solidariza com os escritores latino-americanos reunidos na cidade do México em sua luta contra a falsidade e os poderes desumanizantes da burocracia e do comércio, enviando-lhes uma carta.⁷⁶⁰

⁷⁵⁷ MERTON, T. *Poemas* (trad. Ernesto Cardenal). México: Imprenta Universitária, 1961.

⁷⁵⁸ *SfS* 168.

⁷⁵⁹ *VP* 194.

⁷⁶⁰ *CT* 144.

Merton queria fundar um mosteiro na América Latina, como dissemos. Caso não pudesse fazê-lo, encarregou seu ex-noviço Ernesto Cardenal de concretizar. Antes, deveria ser ordenado sacerdote, depois de passar por um seminário de vocações adultas na Colômbia, na província de Antioquia. Foi ordenado no México. Para a ordenação sacerdotal de Cardenal, no dia 15 de agosto de 1965, Merton lhe escreve, assegurando que “Deus o fará sentir a própria limitação, mas o poder do Espírito Santo se evidenciará em sua vida. Não tema, mas seja como uma criança em Seus braços. Você vai conseguir fazer muito em favor de seu país”.⁷⁶¹ Essa frase ficou gravada para sempre em sua escrivania e em sua memória, como um lema sacerdotal: “Não tema, seja como uma criança nos braços de Deus”.

Antes de fundar o mosteiro na ilha de Solentiname, num dos lagos vulcânicos da Nicarágua, Cardenal voltou a Gethsemani em 1965 para pedir orientações a Merton. Nessa época ele já estava vivendo como eremita. Mesmo impedido de ir à Nicarágua, o Eremita de Gethsemani foi o mentor espiritual da experiência monástica na Ilha de Solentiname, onde monges e camponeses compartilhavam da vida de oração e ação. Tal experiência durou apenas doze anos.

Em 1977 o ditador Somoza bombardeou a Ilha, considerando o mosteiro subversivo e revolucionário. Cardenal conseguiu sobreviver e entrou para a Frente Sandinista de Libertação Nacional, sendo seu capelão. Ele deixou a postura de resistência não violenta aprendida de Merton, e se tornou revolucionário. Era necessário defender sua pátria da agressão imperialista de Reagan, conforme a teoria agostiniana da “guerra justa”.⁷⁶² À diferença de Dan Berrighan, que considera a não violência como prática incondicional, Cardenal justifica a postura do monge como revolucionário para resistir à violência institucionalizada com a contraviolência, como o fez Bonhoeffer na Alemanha nazista.

Ainda quando era noviço em Gethsemani, Cardenal ouviu preleções de Merton (hoje guardadas em mais de cento e cinquenta CDs). Numa delas sobre Gandhi, o grande libertador da Índia diz que seu método de não violência não funcionaria na Alemanha nazista. Também não funcionaria na Nicarágua de Somoza e por isso Cardenal tomou o caminho da revolução (que é a

⁷⁶¹ CT 151-152.

contraviolência ao regime opressor). Ele acredita que o monge como revolucionário teria o apoio de Merton, não só para libertar a Nicarágua, como também para libertar toda a América Latina e do Sul. Disto Cardenal está convicto.⁷⁶³

Quando Somoza foi derrubado em 1979, Cardenal tornou-se Ministro da Cultura do governo sandinista. Assim Cardenal também está imitando são Bernardo que, tendo vivido 17 anos na reclusão do mosteiro, foi chamado de volta ao mundo para dar sua contribuição à solução dos graves problemas políticos de seu tempo. A união de contemplação e ação Cardenal a deve explicitamente a Merton quando diz: “Essa ação deve-se à mensagem que Merton me transmitiu e que eu passei adiante à minha comunidade, isto é: que não fôssemos contemplativos, sem comprometer nossos destinos com os do país, com sua vida política, econômica, social, enfim, com tudo o mais”.⁷⁶⁴

8.2.2. Recordando Merton e a Abadia de Gethsemani

Cardenal escreveu duas obras recentes onde recorda com carinho e emoção seu mestre de noviços Father Louis (Merton), bem como a experiência indelével em sua vida nos dois anos que passou na Abadia de Gethsemani. São elas: *Vida Perdida* e *Insulas Extrañas*, já mencionadas aqui.

A obra *Vida Perdida*⁷⁶⁵ (VP) é o primeiro volume de Memórias, publicada em 1999, quase quarenta anos depois de ter sido noviço de Merton em Gethsemani. Cardenal recorda vivamente suas experiências daquela época. Ele recolhe notas cheias da mais alta poesia contemplativa, que compõem grande parte da obra VP. Assim ele escreve: “Estou relendo o que Merton escreveu em seu livro auto-biográfico *A Montanha dos Sete Patamares* sobre os *night clubs* de Nova Iorque, onde ele passava a noite inteira embriagado com uma espécie de fervor místico. Agora me cabe estar perto dele, a essa mesma hora no ofício

⁷⁶² CT 110ss.

⁷⁶³ CARDENAL, Ernesto. *Merton the Prophet. Merton by those Who Knew him Best*. WILKES, Paul (Org.) Nova Iorque: Harper and Row, 1984, p 38.

⁷⁶⁴ CARDENAL, E. *Merton by those...Op.*, cit., p. 38. Cf. também WILKES, Paul e GLYNN, Andrew. *Merton Film Biography* (VHS). Multimídia da Bellarmine University, Louisville, KY.

⁷⁶⁵ CARDENAL, Ernesto. *Vida Perdida*. Barcelona: Seix Barral, 1999 (abreviado VP).

divino... Quantos contemplativos haverá nos *night clubs* esta noite, que poderiam embriagar-se com outra música, aqui esta noite, como nós”⁷⁶⁶.

Foi Merton quem ensinou a Cardenal que a contemplação da natureza não é impecilho, mas itinerário para Deus. Com perspicaz observação, Cardenal anota franciscanamente detalhes, tanto do mundo exterior da criação, quanto de seu próprio mundo interior, e do mistério de Deus. No mundo exterior da criação ele vê pegadas do Criador, lições permanentes, que seu ocular místico detecta e sua inspiração poética registra. Assim, a *neve* transformando tudo em “*ice-cream*”. O fóssil de *trilobita* que Cardenal encontrou no jardim do noviciado o fez recordar os milhões de anos geológicos transcorridos até aqui, quando esse lugar era mar. Vê íntima conexão entre sua própria vida atual e a do *trilobita* solitário do passado, com o qual compartilha o mesmo destino: a ressurreição⁷⁶⁷.

Os *passarinhos* recolhendo os grãos caídos dos caminhões dos monges, ao voltarem da colheita no campo, ensinam a confiança alegre na Providência Divina. Eles sempre encontram comida em abundância, muito mais do que precisam⁷⁶⁸. Eles não têm estresse, ansiedade, nem síndrome de pânico. Vivem cantando, mas também sabem silenciar. “O animal canta e se comunica quando é necessário, mas sabe calar. Os *patos* contemplam em silêncio a tarde inteira. São parte da tarde e da paisagem”.⁷⁶⁹ O *coelho* branco que nunca se afasta do jardim do noviciado parece ter feito voto de estabilidade naquele lugar e serve de modelo para os noviços por estar permanentemente em silêncio, recolhimento e contemplação. Sua brancura é a mesma da veste dos noviços, veste de noiva, símbolo dos esposais com Cristo⁷⁷⁰.

As *cigarras* despertando no interior da terra, após dezessete anos sepultadas, são para Cardenal um símbolo gritante da ressurreição. “Na Páscoa ressuscitam as cigarras... Cantam como os monges trapistas no coro, diante de seus Saltérios e Antifonários, entoando o invitatório da Ressurreição”.⁷⁷¹

Quanto ao mundo interior, Cardenal realça um tema que é recorrente em suas obras: a consciência da fugacidade da vida, evocada pelo toque dos sinos do

⁷⁶⁶ VP 252.

⁷⁶⁷ VP 305-306.

⁷⁶⁸ VP 284.

⁷⁶⁹ VP 299.

⁷⁷⁰ VP 257.

⁷⁷¹ VP 122.

mosteiro marcando o passar das horas; e, no fim da tarde, mais um dia que se foi. Mas ele observa que na Abadia, a fugacidade da vida, longe de ser uma tragédia, provoca a alegria de estar mais próximo do encontro com Deus, como o trem se aproximando de seu destino⁷⁷². Fora do mosteiro, ao contrário, o passar do tempo é a maior tragédia, como ele registra com a mais fina poesia existencialista (traduzida por Merton, cf item 7.2.1), quando diz:

“Como latas de cerveja vazias, e tocos de cigarros apagados, assim passaram os meus dias. Como os automóveis que passam rápido pelas auto-estradas... e a beleza, tudo passou tão rápido; como modelos de carros e música dos rádios que passaram de moda... E não sobrou nada daqueles dias, nada mais do que latas vazias e tocos de cigarros apagados, risos em fotos murchas, bilhetes rasgados e o lixo dos bares, varrido ao amanhecer”.⁷⁷³ Esse tema da fugacidade e transitoriedade da vida inspira 90% da poesia mundial e encontra lugar também na literatura bíblica, sobretudo em sua vertente sapiencial (como no Livro do *Eclesiastes*).

Quanto ao mundo superior de Deus, Cardenal recorda ter aprendido com Merton as quatro formas de oração, todas válidas e capazes de levar à gozosa união com a Trindade: vocal, mental, afetiva e contemplativa⁷⁷⁴. Recorda principalmente o louvor dos monges nas estalas do coro da Abadia de Gethsemani, na beleza do canto gregoriano, a única forma de música subordinada à letra. E nas vigílias noturnas às 3 horas da manhã, quando a Igreja Abacial ainda estava em penumbra, voltavam recordações de sua vida passada, “velhas cenas de filmes, pesadelos, horas a sós nos hotéis, bailes, viagens, beijos, bares”.⁷⁷⁵

Um segundo livro de Memórias de Cardenal, publicado em 2002, também tem Merton como um dos protagonistas principais: *Las Insulas Extrañas (IE)*. Nela o autor se revela um dos mais expressivos representantes da poesia e da espiritualidade latino-americanas. Também usa a linguagem esponsal para Deus, como Merton. Assim ele se expressa: “Deus é Amante, e Seu Amor é conjugal. Quem tem mais capacidade de se entregar a alguém, mais obsessão de amor, é também quem tem mais capacidade de amar a Deus. Não há contradição entre a

⁷⁷² VP 228.

⁷⁷³ VP 138.

⁷⁷⁴ VP 203.

⁷⁷⁵ VP 161ss.

sede de amor e a entrega a Deus, porque a sede insaciável de pessoas é sede de Deus... Te asseguro uma esplendida Noite Nupcial, Senhor”!⁷⁷⁶

Não por último, vale recordar aqui o registro que Cardenal faz em *IE* sobre sua visita a Dorothy Day, grande amiga e inspiradora de Merton, no bairro dos mendigos em Nova Iorque. Ela já estava com 78 anos de idade, e ainda conservava a beleza feminina. Na ocasião, ela mostrou-lhe a fila dos pobres moradores de rua, esperando receber um prato de sopa, e comentou: “Eis aí a outra face dos EUA, para o qual desejo uma derrota purificadora”.⁷⁷⁷ Expunha assim, com um coração profético-compassivo, as contradições internas da nação mais rica do mundo: o abismo entre os poucos ricos, vivendo em ilhas de prosperidade, e o oceano de pobres e excluídos.

8.2.3. A latino-americanidade de Merton

Recordando Merton e Gethsemani, Cardenal vê o mosteiro como a antecipação de um novo mundo para toda a humanidade, em que se viverá a fraternidade, a igualdade e o amor⁷⁷⁸. Esse é o desígnio de Cristo, não para ser concretizado apenas em uma experiência de laboratório, mas na sociedade inteira⁷⁷⁹. Ele entende que um mosteiro trapista na América Central ou do Sul, tendo Merton como diretor espiritual, seria também uma forma de reparação às mazelas cometidas pelo imperialismo norte-americano. Ele diz assim: “A fundação trapista na América Latina seria o único panamericanismo válido. Por fim os EUA dariam algo bom à América Latina, em compensação de todo o mal praticado: Amor fraterno. Comunidade monástica ao invés de imperialismo”.⁷⁸⁰

Merton comentou com Rosemary Ruether: “Existe uma comunidade monástica formada por um dos meus ex-noviços, Ernesto Cardenal, na América Latina. Ele me quer lá, mas é impossível legalmente e não chegou o *kairos* para

⁷⁷⁶ *IE* 27-28.

⁷⁷⁷ *IE* 342-343.

⁷⁷⁸ O próprio Merton, em sua última conferência, no encontro de Bangcoc, gravada duas horas antes de morrer, afirma que unicamente no mosteiro se vive de fato a utopia marxista, na qual cada um recebe conforme suas necessidades e contribui conforme suas capacidades. Cf., CD *The Bangcoc Conference* AA 2461.

⁷⁷⁹ *VP* 299.

⁷⁸⁰ *VP* 249.

uma ruptura revolucionária”.⁷⁸¹ Para Merton o futuro pertence à América Latina, Ásia e África, mas sobretudo para a primeira, onde o amor e a solidariedade pareciam estar criando raízes. Nesse processo Cardenal tem um papel importante a desempenhar, bem como o próprio Merton, através de suas orações. Ele sugere que os EUA tem muito a aprender da América Latina e do Sul, ouvindo a voz da Amazônia e dos Andes⁷⁸².

Num prefácio a uma de suas obras, Merton escreveu que, frente à insanidade das superpotências, caberá ao Terceiro Mundo restaurar a sanidade perdida⁷⁸³ e que “a verdadeira esperança da Igreja situa-se no Terceiro Mundo, onde o apostolado deve ser fecundado pela contemplação para ser autêntico”.⁷⁸⁴ Ele quer vencer o abismo existente entre os intelectuais e a Igreja, e criar a consciência de que só há uma América, para além das divisões entre Norte e Sul. Daí os seus contatos com os pensadores da América Latina, principalmente Cardenal⁷⁸⁵. No Brasil, a maior interlocutora de Merton era a irmã Maria Emanuela, do Mosteiro da Virgem em Petrópolis, tradutora de suas obras ao português.

Em busca de uma vivência mais radical de sua vocação monástica, sacerdotal e eremítica, Merton quis ser monge cartuxo (em fins da década de 40); depois pensou em ser monge camaldulense (meados da década de 50); e, a partir de 1959, pensou vir à América Latina para buscar um estilo de vida mais autêntico, inserido e pobre. Ele já conhecia Cuba dos anos pré-monásticos em 1940, quando visitou o santuário de Nossa Senhora do Cobre, padroeira da Ilha. Merton entusiasmou-se pela cultura e modo de ser do povo da América Central, alegre e bonito, apesar de pobre.

Em 1959, Merton escreveu ao abade geral dom Gabriel Sortais, propondo implantar um mosteiro da Ordem Trapista na América Central ou do Sul. Talvez no Equador, onde poderia viver pobre e simples como os indígenas da região. Ao mesmo tempo trabalhava com outras possibilidades, como Big Corn Island, diocese de Bluefields, na Nicarágua. Também pensava em Cuernavaca no

⁷⁸¹ Carta de Merton a Rosemary Ruether Radford em 9 de abril de 1967. *At Home in The World*, p. 61.

⁷⁸² *CT* 144

⁷⁸³ *SL* 212.

⁷⁸⁴ *SL* 189.

⁷⁸⁵ Merton se identifica com a “indignação, a ironia e o humor dos poetas latinoamericanos” (*DWL* 185). Esses escritores denunciam a corrupção do tecido social, já que a Igreja deixou de fazê-lo. (*DWL* 215).

México, mantendo contatos com o prior dom Gregório Lemercier do mosteiro da Ressurreição. Até já fazia planos para sua partida. Temia, porém, ser chamado de traidor por abandonar Gethsemani. Destarte, desabafou a Cardenal: “A obra de Deus com freqüência pode exigir, e de fato exige um total desprendimento, que é extremamente doloroso e desconcertante, requerendo grande fidelidade por parte daquele que é chamado a realizá-la”.⁷⁸⁶

Merton planejava vir à América Latina não como gringo curioso, muito menos como celebridade atraindo os olhares de curiosos e da imprensa, mas discretamente. Queria aprender, de forma gradual, a forma de vida e cultura do povo latinoamericano⁷⁸⁷. Queria estar arraigado definitivamente no contexto indo-afro-latinoamericano e não ser um mero turista de passagem, objeto de curiosidade dos nativos. Aliás, ele confessa que sentiria vergonha de estar num país latino-americano e ser conhecido como norte-americano.⁷⁸⁸

Resumindo, podemos dizer que, de fato, Merton tinha um coração latinoamericano⁷⁸⁹. Ele estava disposto a fugir da esclerose de uma vida religiosa excessivamente institucionalizada, que sufoca a espiritualidade, em grandes edifícios altamente organizados, com muitas propriedades, e cuja renda supera em certos casos a de alguns países pobres do mundo. Ele queria viver uma vida mais simples e evangélica. Mas a resposta que recebeu de Roma, em carta datada de 17 de dezembro de 1959, foi negativa.⁷⁹⁰ Temia-se pela repercussão nos meios católicos e também nas vocações que acorriam em massa ao Mosteiro, em grande medida por causa dele (mais de dois mil noviços só entre a década de 40 e 50).

8.3.

Merton e o Brasil: o “espírito franciscano” de nosso povo

Merton admite que tem não só um rosto, mas também o coração latino (alusão a suas raízes latinas, por ser francês de nascimento). Parte fundamental da latinoamericanidade de Merton é sua relação com o Brasil. Ele aprecia a música brasileira da década de 60: a bossa nova. Recebeu de presente um disco com ritmo

⁷⁸⁶ CT 117.

⁷⁸⁷ CT 118.

⁷⁸⁸ CT 161.

⁷⁸⁹ *MnI* 138, 246.

⁷⁹⁰ CT 121.

nordestino, o Evangelho em ritmo brasileiro, com o qual se identifica profundamente.⁷⁹¹

Foi um ex-noviço de Merton, o abade dom John Eudes Bamberger, do mosteiro de Genessee, Estado de Nova Iorque, quem fundou o único mosteiro trapista no Brasil, em Campo do Tenente, Estado do Paraná. Cumpria-se assim um antigo desejo de Merton, de ver no Novo Mundo um mosteiro da Ordem. Desde 1977 até hoje é um oásis, onde centenas de pessoas têm a oportunidade de beber no poço da contemplação, juntando forças para a militância no mundo.

Entre os amigos de Merton no Brasil, o primeiro foi Alceu Amoroso Lima (1893-1983), crítico social e escritor. Foi Alceu quem introduziu Merton na realidade brasileira, enviando-lhe recortes de jornal, e colocando-o a par dos nossos desafios e esperanças. Alceu traduziu e prefaciou várias obras mertonianas, como *Disputed Questions* (traduzida ao português como *Questões Abertas*).⁷⁹² Em 1951 Alceu e seus dois filhos visitaram Merton em Gethsemani. (A exposição no Instituto Moreira Salles no Rio em 2003 mostrava um grande pôster de Merton com Alceu rodeado dos filhos). Em 1960 o filho, Alceu Amoroso Júnior, visitou novamente Merton em Gethsemani, com a esposa, então recém-casados⁷⁹³.

Recordando sua visita a Gethsemani em 1951, Alceu compara Merton a Agostinho que, em suas *Confissões*, revela paixão pela verdade. Na ocasião Merton perguntou a Alceu se não haveria no Brasil alguma diocese capaz de acolhê-lo, a fim de recuperar o anonimato perdido com a inesperada celebridade alcançada com a publicação de sua auto-biografia três anos antes⁷⁹⁴.

No tributo prestado ao amigo mais de dez anos após sua morte, Alceu recorda que já na juventude estudantil Merton revelou uma índole revolucionária. Participava de movimentos radicais marxistas. Como monge, sua espiritualidade também exigia um engajamento mais ativo no mundo, transformando a revolução em revelação. Recorda também alguns aspectos relevantes do itinerário de Merton descritos na *Montanha dos Sete Patamares*: o trabalho temporário com Catherine de Hueck na Casa da Amizade, seu desejo ardente de conhecer a realidade latino-

⁷⁹¹ SOUZA e Silva, Maria Emmanuel. The Friend of Latin America. *Thomas Merton/ Monk: A Monastic Tribute*. HART, (Org.). Kalamazoo: Cistercian Publications, , 1983, p. 243.

⁷⁹² CT 130-131.

⁷⁹³ *TtW* 10.

⁷⁹⁴ AMOROSO, Lima Alceu. A Man for His Time. *Thomas Merton/ Monk: A Monastic Tribute*. HART. P. (Org.). Kalamazoo: Cistercian Publications, 1983. p. 257.

americana indo a Cuba. E, como Dante em busca de paz foi bater às portas de um Mosteiro, Merton tentou o mesmo, pretendendo entrar na Ordem Franciscana. Mas acabou escolhendo o anonimato da ordem trapista, na qual viveu por anos em solitude e humildade⁷⁹⁵.

Também Irmã Maria Emmanuel de Souza e Silva (do Mosteiro da Virgem em Petrópolis) foi interlocutora de Merton no Brasil⁷⁹⁶. Ela traduziu várias obras mertonianas e manteve longa correspondência epistolar com seu autor.⁷⁹⁷ A correspondência entre ambos começou em 1955, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro. Dom Marcos Barbosa fez a letra para o Congresso, mas era necessário traduzir ao inglês, com vistas aos peregrinos anglófonos que viriam ao evento. Foi então que Irmã Maria Emmanuel escreveu a Merton, pedindo que ele traduzisse. Apesar de temerosa, recebeu uma resposta positiva dele, e assim começou uma correspondência que durou até o fim da vida dele.

Nessa correspondência transparece o grande amor de Merton pelo Brasil e pela América Latina: “Deus a abençoe e ao seu belo Brasil, que tanto amo. E a todo o povo daí, bem como a toda a América Latina”.⁷⁹⁸ Merton considerava a língua portuguesa como a mais bela de todas, cheia de poesia, admiração, alegria e humor, e os poetas brasileiros cheios de um amor franciscano pela vida e pelas criaturas⁷⁹⁹, só comparável na América espanhola a Ernesto Cardenal.

Para Ir. Maria Emmanuel, Merton confidenciou algo fundamental já no fim de sua caminhada terrestre: sua fidelidade à fé católica e à vocação monástica até à morte. Pois ele quis desfazer rumores maldosos e infundados que circulavam a seu respeito, provavelmente da parte de católicos ultraconservadores. Eis as palavras memoráveis de Merton, que dissipam toda dúvida a seu respeito: “Se você vir algo na mídia, ou ouvir rumores sobre mim, que eu me tornei budista, ou deixei Gethsemani e a Ordem, ou casei ou algo parecido, não acredite; como eu declarei publicamente dois anos atrás, estou firmemente comprometido com

⁷⁹⁵ A Man for His Time. Op., cit., p. 255.

⁷⁹⁶ *DWL* 135, 298.

⁷⁹⁷ *HGL* 181-202, 334.

⁷⁹⁸ *Idem*. The Friend of ... p. 241.

⁷⁹⁹ *Idem*. The Friend of ... p. 248.

minha vida monástica até a morte”.⁸⁰⁰ Essa declaração foi dada em novembro de 1968, portanto um mês antes de morrer! É um testamento para a posteridade.

Considerava Jorge de Lima em especial como poeta de uma mística cósmica, descrevendo o universo como uma brincadeira cheia de amor paradisíaco.⁸⁰¹ Merton também traduziu alguns poemas de Manuel Bandeira, tratando do sofrimento, pobreza e negritude. Por isso Irmã Emmanuel contactou Bandeira para traduzir os poemas de Merton ao português, encargo esse aceito com honrosa deferência. Mas depois o poeta desistiu de tal intento, ante uma tarefa tão difícil, pois considerava que seria uma nova criação. Então quem traduziu foi Carmem de Melo de Belo Horizonte. Ela deu aos poemas o significativo título de “*O Vinho do Silêncio*”.⁸⁰² É uma clara alusão ao vinho da contemplação, imagem muito cara aos místicos, desde o *Cântico dos Cânticos* até São Bernardo e Merton.

Merton também se correspondeu com Dom Helder Câmara, para quem a miséria é a raiz da violência. Em 13 de março de 1967, Dom Helder escreveu a Merton sobre a importância da obra *Faith and Violence*, e agradeceu por ter introduzido no ocidente a figura maravilhosa do monge vietnamita Tchich Nhat Hanh, exilado por sua atitude de resistência à guerra do Vietnam. Dom Helder também insistia para que Merton fosse à segunda conferência da *Pacem in Terris*, para não deixar frustradas as esperanças despertadas na hora presente. Mas Merton sabe que a permissão para deixar o mosteiro e participar de qualquer evento, seria negada pelo abade dom James Fox. A contragosto, recusa o convite.⁸⁰³

No Brasil, além de se corresponder com Alceu Amoroso Lima, com a Irmã Maria Emmanuel, com Carlos Drumond de Andrade e com Dom Helder Câmara, Merton também se relacionava com Dom Basílio Penido O.S.B.⁸⁰⁴ (Abade de Olinda-Pernambuco), e com Dom Timóteo Amoroso Anastácio O.S.B (Abade de Salvador na Bahia) e entre outros.⁸⁰⁵

⁸⁰⁰ Idem. *The Friend of ...* p. 250-251.

⁸⁰¹ *CGB* 14.

⁸⁰² SOUZA e Silva. *The Friend of...Op.*, cit., p. 249. Cf., também MERTON, T. *O Vinho do Silêncio*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1969 (tradução de Carmen de Mello).

⁸⁰³ *LtL* 214.

⁸⁰⁴ *DWL* 298.

⁸⁰⁵ *SCh* 306-307.

Dom Timóteo, tradutor de várias obras de Merton, foi quem introduziu o Eremita de Gethsemani a Frei Betto. Este participava diariamente na celebração da missa no Mosteiro das monjas beneditinas em Belo Horizonte, onde era capelão dom Timóteo. Através de Merton, como o próprio frei Betto revela, Deus se tornou uma pessoa muito íntima em sua vida, uma “fonte capaz de saciar todos os desejos”, “um caso de amor”.⁸⁰⁶ Essa linguagem esposal denota uma profunda espiritualidade, cheia de relevância no Milênio Entrante, e fonte de energia no empenho por criar um mundo melhor, a partir do continente latino-americano. Assim, Merton aparece claramente na vida de frei Betto como um dos precursores da espiritualidade da libertação!

Encontramos ressonâncias da mística mertoniana em Frei Betto nessas palavras cheias de espiritualidade em sua auto-biografia espiritual, já citadas em epígrafe em nossa tese: “Desconfio que o universo é o ventre de Deus, no qual estamos sendo gestados para a vida definitiva. Considero que orar é tão importante para a saúde do espírito, quanto alimentar-se para o corpo e dormir para a cabeça. E acredito que os futuros homens e as mulheres novas terão que ser necessariamente filhos (as) do casamento entre Ernesto Che Guevara e Teresa de Ávila”.⁸⁰⁷

Frei Betto também confessa explicitamente sua admiração pela vida e obra de Thomas Merton,⁸⁰⁸ num encontro macroecumênico com o monge hindu Dada Mahashananda tratando sobre espiritualidade e justiça social.⁸⁰⁹ Apresenta sua espiritualidade centrada no seguimento de Jesus e diz ser ela a linguagem do futuro, enriquecida com as contribuições das grandes religiões da humanidade. Como para Merton, a oração mística se inspira na atitude de Jesus, que passava noites em claro meditando no silêncio e escondimento.

Sobre a importância da mística e da espiritualidade em sua vida pessoal, como fator de dinamização e compaixão, frei Betto tem essas palavras profundas, cheias de honestidade e que são verdadeira interpelação para todos nós:

“Quando medito, sinto-me vulnerável ao Espírito Santo e mais sensível à vontade de Deus. Quando não medito, sinto ter obstruído os canais e caio na

⁸⁰⁶ BOFF, L. e FREI BETTO. *Mística e Espiritualidade*. 3ª ed. RJ: Rocco, 1996, p. 162-163.(ME).

⁸⁰⁷ ME, ibidem.

⁸⁰⁸ Frei Betto e Mahashananda Dada. *Spirituality and Social Justice: A Dialogue*. Disponível em www.ru.org/artjust.html. Acesso em 6/dez/02.

⁸⁰⁹ Ibidem.

racionalização, fico pesado, opaco, perco a leveza e transparência. Meditar é a fonte da vida e da revitalização. Gostaria de meditar mais, porém, toca o telefone... A espiritualidade nos capacita a amar os outros, em particular os marginalizados e oprimidos”.⁸¹⁰ Frei Betto considera sem sentido a espiritualidade que não se volta para o mundo em compaixão, para lutar contra a injustiça, a fome, e criar um mundo mais fraterno. Daí seu envolvimento e militância políticos.⁸¹¹

Resumindo, vimos nesse capítulo 7 o legado mertoniano para a América do Norte, Central e do Sul. Desdobramos esse legado na necessidade e urgência de se promover uma espiritualidade da paz, com Dan Berrigan; macroecumênica, com o Dalai Lama; e feminista, com Rosemary Ruether Radford no Primeiro Mundo. E no Terceiro Mundo, vimos como o legado mertoniano se atualiza no empenho em promover uma espiritualidade da justiça, ou da libertação. Nesse empenho a influência de Ernesto Cardenal foi decisiva. A experiência na Ilha de Solentiname, na Nicarágua, ainda hoje um Paraíso de pintores e artesãos, encheu de esperanças os cristãos do mundo inteiro, que sonhavam com a utopia da união entre fé e política, oração e ação, e o trabalho como contemplação.

A seguir, no capítulo 8, vamos tratar especificamente de Merton como um dos precursores da espiritualidade da libertação que, a nosso modo de ver, se concretiza em espiritualidade de resistência, solidariedade e da criação.

⁸¹⁰ Frei Betto. *Spirituality and Social Justice*, p. 2-7.

⁸¹¹ Frei Betto. *Spirituality and Social Justice*, p. 4-7.